UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS

CURSO DE GRADUAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVA LITERATURA

GUILHERME JOÃO CENCI

O INFINITIVO FLEXIONADO NO *LIVRO DAS AVES*

BRASÍLIA
2013

GUILHERME JOÃO CENCI

O INFINITIVO FLEXIONADO NO *LIVRO DAS AVES*

Monografia apresentada ao Curso de Língua Portuguesa e Respectiva Literatura da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Heloísa Maria Moreira Lima de Almeida Salles

BRASÍLIA
2013

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO 5

2. A ABORDAGEM DO INFINITIVO EM COMPÊNDIOS GRAMATICAIS 6

2.1. Sobre o infinitivo na *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara 6

2.2. Sobre o infinitivo na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha & Lindley Cintra 8

3. O INFINITIVO FLEXIONADO NO ÂMBITO DA LINGUÍSTICA 12

3.1 Definindo o infinitivo flexionado 12

3.2. Línguas de ocorrência do infinitivo flexionado 14

3.3 Sobre a nomenclatura do infinitivo 15

3.4 Sobre os contextos de ocorrência do infinitivo flexionado 19

4. SOBRE O *LIVRO DAS AVES* 23

5. ANÁLISE DO *CORPUS* – O INFINITIVO FLEXIONADO NO *LIVRO DAS AVES* 24

5.1. As ocorrências de infinitivo flexionado 24

5.1.1. Quanto ao contexto oracional 24

5.1.1.1. Adverbiais finais 24

5.1.1.2. Oração subjetiva 27

5.2. Quando a terceira pessoa do plural não dispara o infinitivo flexionado em adverbais finais 28

5.3. Os casos ambíguos da terceira pessoa do singular em adverbiais finais 29

5.4. A correspondência mórfica entre o infinitivo flexionado e o futuro do subjuntivo 30

6. CONCLUSÃO 33

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 36

8. ANEXOS 38

8.1. Fac-símile das colunas XXVII e XXVIII do *Livro das Aves* 38

8.2. Fac-símile das colunas XXXIII e XXXIV do *Livro das Aves* 39

8.3. Ocorrências de infinitivo flexionado em *Os Diálogos de São Gregório* 40

In Domino confido quomodo dicitis anime mee transmigra ĩ mõte sicut passer.

(*Livro das Aves*, XXII, 17-18)

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo investigar as propriedades do infinitivo flexionado no português, tomando-se por base sua manifestação em texto produzido em período histórico remoto da língua, na primeira fase do português antigo/arcaico. Nosso interesse pela abordagem diacrônica é no sentido de verificar as características do infinitivo flexionado no período citado, tendo em vista sua ausência no latim, e no latim tardio.

Sabe-se que o infinitivo flexionado situa-se entre as idiossincrasias do português, assumindo, entre os gramáticos, o posto de peculiaridade gramatical. Contudo, já são numerosos os estudos que evidenciam a ocorrência desse fenômeno em outros sistemas linguísticos. Embora não seja exclusivo da língua portuguesa, como se acreditava, é inegável sua produtividade e ampla distribuição em diferentes estruturas de nossa língua, em oposição a outros sistemas com os quais é possível estabelecer uma comparação. Ainda assim, tomado isoladamente, o infinitivo flexionado propõe debates profícuos no que diz respeito à sua ocorrência, à sua morfologia e à sua variação com o infinitivo não flexionado.

Na medida em que são adotadas bases teóricas descritivas do português contemporâneo para a análise do português arcaico de primeira fase, este trabalho adota um enfoque diacrônico em cada uma de suas etapas. Nesse sentido, o estudo linguístico do fenômeno será subsidiado por um *corpus* que, mesmo fragmentário, conserva alto valor linguístico. Trata-se do *Livro das Aves*, códice de autoria desconhecida enquadrado no século XIV. Como referência de análise, esta pesquisa segue obra homônima: *Livro das Aves*, volume organizado por A. G. Cunha.

Para atingir o objetivo apregoado – descrição do infinitivo flexionado no *Livro das Aves* – este trabalho se divide em cinco partes principais. Na primeira delas, correspondente à seção 2, evidencia-se a abordagem do infinitivo flexionado em compêndios gramaticais de base tradicional. Na seção 3, a abordagem do fenômeno tem enfoque linguístico, com autores de base gerativa. Na seção 4, descreve-se o *corpus*. Na seção 5, detalhem-se os dados, com observações acerca do fenômeno em estudo. A sequência do trabalho traz, na conclusão, os destaques da análise do códice.

2. A ABORDAGEM DO INFINITIVO EM COMPÊNDIOS GRAMATICAIS

A abordagem do infinitivo, sobretudo de suas peculiaridades – nomeadamente o infinitivo flexionado – é um fenômeno recorrente nos compêndios gramaticais do português. Na *Grammatica Philosophica* de Jerônimo Soares Barbosa, por exemplo, já há uma diferenciação entre o "infinito impessoal" e o "infinito pessoal". Essa característica é tratada pelo autor como um idiotismo, uma espécie de singularidade da língua (BARBOSA, 1822, p. 283).

No entanto, para que haja uma compreensão mais ampla da forma nominal de infinitivo, especialmente em relação ao seu uso normativo, deter-se sobre gramáticas contemporâneas constitui enfoque mais apropriado, mesmo que este trabalho tenha como *corpus* um texto do período arcaico. Isso se deve ao fato de gramáticas antigas apresentarem abordagens por vezes limitadas de alguns fenômenos, apesar de possuírem a primazia do estudo da língua.

Por essa razão, quanto à vertente normativa, expõem-se abaixo os estudos do infinitivo realizados por Celso Cunha, Lindley Cintra e Evanildo Bechara

2.1. Sobre o infinitivo na *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara

Neste compêndio, o autor inicia sua teorização destacando a possibilidade de o infinitivo desempenhar funções substantivas. Distingue também a forma "infinita" do infinitivo (ou sem flexão) da forma flexionada. A distinção se dá pela explicitação das pessoas do discurso, que ocorre na forma flexionada, mas não na forma sem flexão (BECHARA, 2009, p. 224).

Em um segundo momento, o autor explicita o uso do infinitivo, distinguindo contextos para o emprego das formas flexionadas. Esses dados estão sistematizados abaixo, indicando situação e prescrição de uso:

1. Infinitivo histórico (em narrações, para indicar ação passada): forma flexionada ou forma não flexionada.

(1) E os passarinhos a cantarem sempre; elas a olhar.

2. Infinitivo em locuções verbais: não se costuma flexionar o infinitivo (2). A flexão, no entanto, é notada quando o verbo encontra-se afastado do auxiliar e quer-se indicar a pessoa da ação (3) e quando o verbo auxiliar, uma vez mencionado, é omitido posteriormente (4).

   (2) Ele sabia que havia de vencer.
   (3) Os novos ramos da árvore podem, após cuidados básicos de poda e irrigação, crescerem dentro de um ano.
   (4) Queres ver o mundo, esqueceres de suas responsabilidades?

3. Infinitivos em verbos causativos e sensitivos:

   a. Em verbos causativos (*mandar*, *fazer*, *deixar* e afins): prescreve-se o infinitivo sem flexão (5), apesar de a forma flexionada também ser empregada (6):

      (5) Mandei-o correr.
      (6) Deixou as crianças correrem livres.

   b. Em verbos sensitivos (*ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir*): é normal o emprego do infinitivo sem flexão (7). O autor afirma que esse critério não é tão rígido como aquele dos verbos causativos (BECHARA, 2009, p. 285). Pode ocorrer, portanto, a forma flexionada (8):

      (7) Viu o rio correr livre.
      (8) Sentiu os pelos do braço se eriçarem.

4. Infinitivo fora de locução verbal: nesse contexto, o infinitivo não flexionado, segundo o autor, objetivaria destacar a ação (9). O infinitivo flexionado, por sua vez, objetivaria destacar a pessoa do sujeito (10):

   (9) Compramos uma nova casa para melhorar de vida.
   (10) Compramos uma nova casa para melhorarmos de vida.

5. Outros casos: Bechara ainda afirma ser o infinitivo flexionado visto em contextos: nos quais o autor destaca a pessoa verbal, nos quais há destaque do agente para efeitos de clarificação e nos quais o infinitivo aparece com um nominativo sujeito, "nome ou pronome (quer igual ao de outro verbo, quer diferente)" (BECHARA, 2009, p. 286).

Apesar de o autor esboçar contextos próprios das formas flexionadas em determinadas situações, como nas de infinitivo em locução verbal, em outras, como nas de estruturas causativas, o tom prescritivo é elevado. Mesmo que a língua possibilite o emprego da forma flexionada, tenta-se postular uma norma: "com os causativos *deixar*, *mandar*, *fazer* (e sinônimos), a norma é aparecer o infinitivo sem flexão, qualquer que seja o seu agente" (BECHARA, 2009, p. 284).

Feita essa ressalva, os dados da *Moderna Gramática Portuguesa* demonstram como o uso do infinitivo flexionado é profuso no português, pois pode ser ativado nas cinco construções que o autor elenca: infinitivo histórico, infinitivo em locuções verbais, infinitivo com verbos causativos, infinitivo com verbos sensitivos e infinitivos fora de locução verbal.

2.2. Sobre o infinitivo na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha & Lindley Cintra

Neste compêndio, o enfoque sobre o infinitivo é mais abrangente do que o anteriormente retratado na *Moderna Gramática Portuguesa*. Cunha & Cintra (2007), inicialmente, dividem a forma infinitiva em *infinitivo impessoal* e *infinitivo pessoal*. Isso é feito indiretamente quando abordam a formação dos tempos verbais, já que destacam ser o infinitivo pessoal derivado do impessoal pelo acréscimo das desinências *-es, -mos, -des, -em* (*cantar, cantar**es**, cantar, cantar**mos**, cantar**des**, cantar**em***) (CUNHA & CINTRA, 2007, pp. 407-408).

Em um segundo momento, quando tratam da sintaxe dos modos e dos tempos, os autores destacam a função substantiva do infinitivo (*processo verbal em potência*) e sua forma composta (*ler* x *ter lido*). Nesta sessão, o infinitivo impessoal é definido como aquele que não apresenta sujeito, que não se refere a uma pessoa gramatical. O infinitivo pessoal tem essa referência e pode ou não flexionar-se (CUNHA & CINTRA, 2007, pp. 498-499).

Em (1) e (2), apresenta-se a diferença entre a impessoalidade e pessoalidade dos infinitivos, respectivamente. O contraste entre (2) e (3) evidencia a presença ou ausência de flexão nos infinitivos pessoais:

(1) Orar é a sabedoria dos fortes.
(2) Quero cantar a canção do século!
(3) Mandei os alunos entrarem.

Além de uma divisão mais sistemática dos tipos de infinitivos, os autores preferem, na seção de emprego das formas, retratar tendências e não regras de uso, diferentemente de como procede Bechara (2009). Atribuem o emprego de uma ou outra forma como o resultado da estilística, "ritmo da frase, ênfase do enunciado, clareza da expressão" (CUNHA & CINTRA, 2007, p. 499).

Como feito na seção anterior, para este compêndio estão sistematizadas as tendências de uso dos infinitivos. Abaixo descreve-se a recomendação (flexão ou não), seguida dos contextos de ocorrência:

A. Sem emprego de flexão:

1. Quando o infinitivo é impessoal.
   (4) Correr é viver!

2. Quando o infinitivo apresenta valor imperativo
   (5) "Andar!"

3. Quando for empregado o infinitivo de narração:
   (6) Ele a olhar, dizer, gritar.

4. Quando o infinitivo é precedido da preposição *de*, atuando como complemento nominal de certos adjetivos:
   (7) É difícil de cuidar dos outros.

5. Quando equivaler ao gerúndio, ao estar regido pela preposição *a*:

(8) Estou a coser os sonhos de ontem.

B. Emprego da flexão:

1. Com sujeito claramente expresso:

   (9) O interessante é eles almoçarem tão rápido.

2. Quando é feito conhecer um agente não expresso:

   (10) Não é preciso olhares assim.

3. Quando indicar a indeterminação na terceira pessoa do plural:

   (11) Ouvi dizerem que irão asfaltar essa estrada.

4. Quando se quer dar à frase maior ênfase ou harmonia:

   (12) “Tomar um tema e trabalhá-lo em variações ou, como na forma sonata, tomar dois temas e opô-los, fazê-los lutarem, embolarem, ferirem-se e estraçalharem-se [...]” (apud CUNHA & CINTRA, 2007, p. 503).

C. É normal o emprego do infinitivo não flexionado:

1. Em locuções em que o infinitivo não se distancia do auxiliar:

   (13) Os rapazes quiseram dançar.

2. Com verbos causativos e sensitivos, quando os infinitivos estão contíguos aos auxiliares (14) ou apenas separados por um sujeito, pronome oblíquo (15). Se o sujeito do infinitivo, expresso por substantivo ou equivalente, postar-se entre ele e o auxiliar, costuma haver flexão (16). Na mesma configuração de (16), se o sujeito for oblíquo, a concordância é tida como mais rara (17). Construções como a de (18) são consideradas raras:

   (14) Ouviu bater as portas do armário

   (15) Ouviu-os dizer adeus.

(16) Mandei as crianças lavarem os pratos.

(17) Mandei-os lavarem os pratos.

(18) Senti aproximarem-se as raposas.

Além da nomenclatura diversa, Cunha & Cintra (2007) divergem da abordagem de Bechara (2009) quanto ao uso do infinitivo em narração e quanto à descrição das ocorrências de infinitivo flexionado em estruturas causativas; pois não há naqueles, para esse caso, a prescrição da forma sem flexão, como visto na seção 2.1. Contudo, os três autores salientam a "raridade" de ocorrência da forma flexionada em predicados causativos. Cabe destacar ainda a associação que fazem entre infinitivo flexionado e estilística (itens 4 e 5 da seção 2.1 e item B4 da seção 2.2) e entre uso do infinitivo flexionado e distanciamento do verbo principal em relação ao auxiliar (item 2 da seção 2.1 e itens C1 e C2 da seção 2.2).

3. O INFINITIVO FLEXIONADO NO ÂMBITO DA LINGUÍSTICA

Nesta seção, o trabalho tentará estabelecer, por intermédio de pesquisas linguísticas, um aprofundamento do estudo do infinitivo flexionado. Para isso, serão apresentadas características desse tempo verbal, um debate sobre a nomenclatura dos tipos de infinitivo – comparando-a com aquela apresentada pela gramática normativa – além da descrição diferenciada de seus contextos de ocorrência.

3.1 Definindo o infinitivo flexionado

Na definição do infinitivo flexionado, mencionam-se reiteradamente aspectos morfológicos, já que este é um de seus elementos diferenciadores em relação ao infinitivo não flexionado:

(a) "Em português, [...], os infinitivos podem concordar com seus sujeitos, tal como as formas finitas dos verbos" (PERINI, 1977, p. 70).

(b) "One of the distinctive aspects of Portuguese is that an infinitive verb can be inflected, by adding to it a personal ending" (MARTINS, 2011, p. 1).

(c) "The inflected infinitive [...] differs from its non-inflected conterpart in two respects: it displays agreement morphology and it may take a lexical subject which is assigned Nominative Case" (MADEIRA, 1994, p.179).

A referência à concordância (ou "agreement"), e ainda ao "personal ending", diz respeito aos morfemas número-pessoais do infinitivo flexionado, que também são apresentados em gramáticas normativas:

Infinitivo não flexionado	Infinitivo flexionado
cantar	para (eu) cantar Ø para (tu) cantar-es para (ele/ela/você) cantar Ø para (nós) cantar-mos para (vós) cantar-des para (eles/elas/vocês) cantar-em

Pela comparação acima, percebemos que a distinção mórfica se estabelece de forma plena para a 2ª pessoa do singular (*-es*) e do plural (*-des*) e para a 1ª e 3ª pessoas do plural (*-mos* e *-em*). No entanto, isso não ocorre para a 1ª e 3ª pessoas do singular. Muitas vezes, o morfema Ø pode gerar ambiguidade na determinação de ocorrência da forma flexionada ou não flexionada:

(1) A multidão se aproximou para ver de perto o beco lacrado.

Essa sentença difere de (2), em que a pluralização do sujeito, sem a modificação do restante da frase, indica que a forma verbal "ver" trata-se de um infinitivo não flexionado:

(2) As pessoas se aproximaram para ver de perto o beco lacrado.

Nesse caso, a terceira pessoa do plural não dispara a flexão do verbo no infinitivo. Sua contraparte flexionada corresponderia a:

(3) As pessoas se aproximaram para **verem** de perto o beco lacrado.

Voltando aos excertos apresentados acima (a, b e c), percebemos que, em (c), Madeira (1994) traz outro elemento definidor do infinitivo flexionado: a possibilidade de assumir um sujeito lexical, que receberá caso nominativo. Essa observação se complementa com a abordagem que Mateus (2003) faz do tema. Ao estudar completivas não finitas, a autora afirma que "a presença de marcas de Concordância nas infinitivas canônicas com infinitivo flexionado tem como principal consequência a possibilidade de ocorrência de sujeitos com realização lexical" (MATEUS, 2003, p. 624).

Desse modo, alguns contrastes de gramaticalidade e agramaticalidade se estabelecem:

(4) A sugestão de as obras serem submetidas a novos testes é válida.

(5) *A sugestão de as obras ser submetidas a novos testes é válida.

A diferença está na aceitação do sujeito lexical. Enquanto o infinitivo flexionado licencia essa posição, o infinitivo sem flexão, segundo a autora, não o faz. Vale observar que se trata de uma possibilidade de uso do sujeito lexical e não de uma obrigatoriedade.

Sumariamente, considerando as informações morfológicas e sintáticas apresentadas, pode-se afirmar, assim, que: **o infinitivo flexionado difere do infinitivo não flexionado por apresentar traço positivo para a concordância e por poder assumir um sujeito lexical de caso nominativo.**

De forma esquemática, com base em Raposo (1992), os dois tipos de infinitivo podem ser representados desse modo:

Infinitivo não flexionado	Infinitivo Flexionado
Flex: [– T / – Conc.]	Flex: [– T / + Conc.]

3.2. Línguas de ocorrência do infinitivo flexionado

Apesar de o infinitivo flexionado ser considerado uma singularidade da língua portuguesa desde há muito, como prova a referência a Jerônimo Soares Barbosa na seção 2, ele não lhe pode ser considerado exclusivo.

Os trabalhos de Azevedo (2006), Teixeira (2009), Martins (2011) e Freitas (2012) observam que o infinitivo flexionado é verificado ainda (a) no galego (cujos falantes habitam a Galiza, região independente localizada a noroeste da Espanha); no (b) sardo-laudorês (cujos falantes habitam a Sardenha, ilha italiana); no (c) húngaro; nas formas antigas do (d) mirandês (língua mais difundida na Miranda do Douro) e do (e) espanhol, além de ocorrer no (f) napolitano do século XV; no (g) leonês ducentista (hoje falado principalmente nas províncias de Leão e Zamorra e no Distrito de Bagrança) e em (h) alguns dialetos italianos meridionais.

São exemplos de ocorrência do infinitivo flexionado no galego:

(1) “Mañá espérote logo para (nós) **merendarmos** na miña casa” (apud FREITAS, 2012, p. 23).

(2) “Non te dá vregoña **estudiares** tan pouco?” (apud FREITAS, 2012, p. 24).

Constitui exemplo de ocorrência de infinitivo flexionado em húngaro (“Seria importante para John aprender a verdade”):

(3) “Fontos volna J´anosnak megtudnia az igazat”
“important would be John-DAT learn-INF-3SG the truth-ACC”
“It would be important for John to learn the truth” (apud KISS, 2004, p. 213).

Embora não detenha a exclusividade de ocorrência do infinitivo flexionado, o português é o que lhe dá mais força de uso, não só por uma questão quantitativa referente ao número de falantes, mas também pelos vários contextos em que permite o emprego dessa forma. Alguns dialetos do português chegaram a desenvolver flexão (+ Concordância) até mesmo em formas nominais de gerúndio:

(4) “Não sei como tanto devâmos, **ganhândomos** tanto dinheiro!” (apud LOBO, 2000, p. 4).

(5) “Em **sendem** crescidos, levo-os a Lisboa” (apud LOBO, 2000, p. 4).

3.3 Sobre a nomenclatura do infinitivo

O modo como o infinitivo com marcas de concordância é diferenciado do infinitivo sem essas marcas varia de autor para autor. O mais comum é encontrar a oposição “infinitivo flexionado x infinitivo não flexionado”. No entanto, há ainda a distinção “infinitivo pessoal x infinitivo impessoal”, sendo “pessoal” sinônimo de flexionado e “impessoal” sinônimo de “não flexionado”. Como visto na seção 2, Cunha & Cintra (2007) empregam a última divisão e a ampliam: o infinitivo pessoal pode abarcar infinitivos flexionados ou não flexionados. A forma impessoal, somente o infinitivo não flexionado. Para estes autores, portanto, as correspondências “pessoal → flexionado” e “impessoal → não flexionado” não são exatas.

A tabela a seguir resume essas posições:

<table>
<tr><th>1ª Divisão</th><th>2ª Divisão</th><th colspan="2">3ª Divisão: Cunha & Cintra (2007)</th></tr>
<tr><td rowspan="2">Infinitivo flexionado</td><td rowspan="2">Infinitivo pessoal
(flexionado)</td><td rowspan="2">Infinitivo pessoal</td><td>Flexionado</td></tr>
<tr><td>Não flexionado</td></tr>
<tr><td>Infinitivo não flexionado</td><td>Infinitivo impessoal
(não flexionado)</td><td colspan="2">Infinitivo impessoal</td></tr>
</table>

A divisão proposta por Cunha & Cintra (2007) não nos parece exata, porque afirma que o infinitivo impessoal não apresenta sujeito. Antes de chegarmos ao ponto em que será permitido esboçar o motivo dessa discordância, é preciso deter-se sobre aspectos relativos à expressão do sujeito em construções sintáticas.

A Teoria Gerativa, e para essa abordagem utilizamos os trabalhos de Mateus (2003) e de Cook & Newson (1996), observa que há línguas que permitem a ocorrência de sujeitos nulos. Quando nulo, o sujeito é considerado uma categoria vazia e não uma forma foneticamente expressa. Para a teoria em questão, esse sujeito foneticamente vazio é nomeado como *pro*. Por isso a distinção entre línguas *pro-drop* (que aceitam o sujeito nulo) e línguas *não pro-drop* (que exigem a manifestação fonética do sujeito).

O português, o italiano, o árabe e o chinês são exemplos de línguas *pro-drop*; o francês, o inglês e o alemão são, por sua vez, *não pro-drop*. Por essa razão, há diferença de gramaticalidade nos exemplos abaixo:

(1) *pro* Falo muito!
(2) *pro* Parlo molto!
(3) **pro* Talk a lot!
(4) **pro* Parle beaucoup!

A Teoria Gerativa ainda diferencia os sujeitos nulos em três: (a) sujeito nulo "padrão", (b) sujeito nulo expletivo e (b) sujeito nulo indeterminado ou de referência arbitrária.

O sujeito nulo "padrão" é aquele que pode ser subentendido por morfemas flexionais e "informações adicionais do contexto linguístico ou situacional" (MATEUS, 2003, p. 442). As sentenças abaixo ilustram essa ocorrência:

(5) (a) Eu dancei uma valsa vienense.
    (b) *pro* Dancei uma valsa vienense.

(6) (a) Eu fui para casa cedo. Eu estava com muito sono.
    (b) pro_1 Fui para casa cedo. pro_1 Estava com muito sono.

O sujeito nulo expletivo corresponde ao *pro* de verbos que não selecionam um argumento externo. São os chamados verbos impessoais, entre os quais *chover, haver, acontecer, parecer*:

(7) *pro* Chove desde manhã.
(8) *pro* Há tantos carros e prédios aqui!

O sujeito nulo indeterminado ocorre em verbos da terceira pessoa do plural que possuem referência arbitrária ("alguém"). Neste caso, trata-se de PRO[1]:

(9) PRO_{arb} Comentam que o vencedor é você.
(10) PRO_{arb} Dizem que ele venceu.

Em seu trabalho, Azevedo (2006) também considera haver arbitrariedade na categoria vazia dos infinitivos de orações subjetivas. Neste contexto, trata-se novamente de PRO:

(11) "[PRO_{arb} Viajar à velocidade de luz] será a maior conquista científica jamais vista" (AZEVEDO, 2006, p. 26).

Segundo o autor, apesar dessa arbitrariedade, o contexto pragmático é capaz de restringir a interpretação desse sujeito foneticamente não expresso. Desse modo, a paráfrase que o autor seleciona para o exemplo acima é a seguinte: "será a maior conquista científica jamais vista um indivíduo ou objeto arbitrário X viajar à velocidade da luz" (AZEVEDO, 2006, p.25).

Em Cunha & Cintra (2007), são precisamente as orações subjetivas reduzidas de infinitivo que recebem a denominação de impessoais e, portanto, segundo os autores, as formas infinitas não possuem sujeito:

(12) "Viver é exprimir-se" (apud CUNHA, 2007, p. 499).
(13) "Jurar falso é grande crime" (apud CUNHA, 2007, p. 499).

[1]"PRO apresenta as seguintes características: [...] comporta-se ora de forma parecida com as anáforas (em contextos de controle obrigatório, quando é correferente com o sujeito da sentença mais alta na estrutura), ora de forma parecida com os pronomes (em contexto não controlado, quando adquire a interpretação arbitrária)" (MIOTO, 2000, p. 172).

(14) “Amar os homens é sempre uma alegria dolorosa” (apud CUNHA, 2007, p. 499).

Considerando a exposição carreada até o momento, a impropriedade dessa nomenclatura se perfaz quando, por uma ótica linguística, entendemos que os verbos *viver*, *jurar* e *amar* das frases acima têm de fato um sujeito. Nesse caso, não expresso foneticamente e com referência arbitrária:

(15) PRO_{arb} Viver é exprimir-se.
(16) PRO_{arb} Jurar falso é grande crime.
(17) PRO_{arb} Amar os homens é sempre uma alegria dolorosa.

Essa arbitrariedade permite as seguintes paráfrases: *Quem vive se exprime*; *Quem jura em falso comete grande crime*; *Quem ama os homens se alegra dolorosamente*. Tanto nas frases originais, como nas reescritas, observam-se ainda aspectos de indeterminação. Por isso o PRO_{arb} ocorrer também em sujeitos nulos indeterminados de verbos na terceira pessoa do plural, como visto acima. Nesse sentido, das possibilidades de distinção da forma verbal em estudo neste trabalho, a terceira, presente em Cunha & Cintra (2007) e esboçada no quadro anterior, não será adotada. É preciso destacar, todavia, que os autores, em sua análise, atentam para o fato de haver uma diferença na vinculação de categorias vazias de verbos no infinitivo[2]. O problema reside no tratamento que fazem dos dados, que se reflete em sua nomenclatura.

No que diz respeito à segunda divisão, concernente à distinção entre infinitivo pessoal e infinitivo impessoal, mas não aos moldes de Cunha & Cintra (2007), há uma razão para não ser acatada neste trabalho. Apesar de alguns autores a utilizarem como sinônimo de “flexionado” e “não flexionado”, a ideia de “impessoal”, bem como a noção de “impessoalidade”, pode ser empregada como sinônimo de indeterminação. Esta, por sua vez, não constitui fator distintivo das formas infinitivas, pois está presente tanto no infinitivo não flexionado (nas orações subjetivas com PRO_{arb}) como no infinitivo flexionado (no caso apresentado na seção 2.2, item B3: “Quando indicar a indeterminação da terceira pessoa do plural: (11) Ouvi dizerem que irão asfaltar essa estrada”).

Desse modo, preferimos discriminar os infinitivos em *flexionado* e *não flexionado*, pois é a forma que melhor reflete a definição apresentada em 3.1.

[2] O conceito de impessoalidade tratado por esses autores é uma referência à arbitrariedade esboçada por PRO.

3.4 Sobre os contextos de ocorrência do infinitivo flexionado

Neste tópico, o debate terá como antecedente o conteúdo exposto na seção 2, onde foram apresentados os contextos de ocorrência do infinitivo flexionado em compêndios gramaticais. Diferentemente do tom prescritivo visto anteriormente, os trabalhos de Raposo (1987) e Madeira (1994) detêm um viés descritivo, o que permite, neste ponto, aprofundar o entendimento da ocorrência sintática do fenômeno em estudo.

As primeiras considerações de Raposo (1987) retratam que as sentenças de infinitivo flexionado se assemelham às sentenças com verbos finitos por permitirem a expressão de um sujeito lexical. Por outro lado, diferenciam-se das sentenças de verbos finitos pelo fato de ocorrerem apenas como orações subordinadas: são orações dependentes ("embedded clauses"). Segundo o autor, o infinitivo flexionado não se manifesta em sentenças matrizes ou sentenças independentes. Também não ocorre com o complementizador *que*. Os dados em (1) comprovam essas observações:

(1) a.*As crianças comerem a torta.
b.*É impossível que eles vencerem a competição.

Madeira (1994) também apresenta os contextos em que o infinitivo flexionado não ocorre. São eles: (a) quando em complementos de predicados volitivos[3] e outros predicados de controle sujeito, (b) quando em sentenças interrogativas e (c) quando em sentenças relativas. Esses contextos estão representados de (2a) a (4a). De (2b) a (4b) apresentam-se as contrapartes gramaticais:

(2) a.*Ele deseja os problemas serem resolvidos.
b. Ele deseja resolver os problemas.

(3) a.*Sabíamos quem recebermos no festival.
b. Sabíamos quem receber no festival.

(4) a.*As crianças não têm uma bola com que brincarem.
b. As crianças não têm uma bola com que brincar.

[3] Os verbos volitivos, como a nomenclatura permite inferir, são verbos que expressam vontade. Entre eles estão *querer*, *exigir*, *desejar* e *pedir*.

Assim como a busca do tema nos compêndios gramaticais revelou, a pesquisa linguística evidencia que os contextos de ocorrência do infinitivo flexionado são abundantes. Madeira (1994) lista oito ambientes sintáticos possíveis, salientando que, neles, há a alternância entre forma flexionada e forma não flexionada. Eles estão esquematizados abaixo, com exemplos que se coadunam com aqueles apresentados pela autora:

A. Em complementos de predicados declarativos/epistêmicos[4]:
    i. Afirmam ter o gato comido o rato.

B. Em complementos de predicados factivos[5]:
    i. Lamento vocês terem perdido o voo.

C. Em orações subjetivas:
    i. Surpreende-nos eles terem tomado o poder.

D. Em orações adverbiais introduzidas por uma preposição:
    i. Ela ficará em pé até eles terminarem o bolo.

E. Em complementos de verbos de percepção:
    i. Clara ouviu as cigarras cantarem.

F. Em complementos de predicados causativos:
    i. A mãe mandou as filhas se pentearem.

G. Em complementos de predicados de objeto controle:
    i. Miguel convenceu os pais a comprarem a bicicleta.

H. Como complementos de predicados transitivos de controle sujeito:
    i. Prometemos aos garçons darmos-lhes gorjetas.

[4] São exemplos de verbos declarativos: *afirmar*, *perguntar*, *falar*.
[5] "O fenômeno da factividade, no âmbito da linguística, em sentido amplo, está relacionado à propriedade que certos itens lexicais ou estruturas gramaticais específicas possuem de pressupor um valor de verdade para a proposição expressa pela estrutura a que pertencem" (DIAS, 2011, p. 216). São exemplos de verbos factivos: *saber*, *lamentar*, *adivinhar*.

Além de listar os contextos em que o infinitivo ocorre ou não, Madeira (1994) apresenta dados pertinentes sobre os quatro primeiros ambientes sintáticos (A-D). Os comentários giram em torno de dois aspectos: (a) inversão entre sujeito e verbo auxiliar e (b) ocorrência da forma lexical do verbo sem o auxiliar.

Para os verbos declarativos/epistêmicos a autora constata que a inversão entre o sujeito e o verbo auxiliar é obrigatória para que a frase conserve sua gramaticalidade e que, sem o auxiliar, a forma lexical do verbo não é permitida:

(5) a.*Afirmam o gato ter comido o rato.
b. Afirmam ter o gato comido o rato.

(6) a.*Afirmam o gato comer o rato.
b. *Afirmam comer o gato o rato.

Para os verbos factivos, a inversão entre o sujeito e o verbo auxiliar é facultativa. Além disso, sem o auxiliar, a forma lexical do verbo pode ocorrer, mas sem inversão:

(7) a. Lamento terem vocês perdido o voo.
b. Lamento vocês terem perdido o voo.

(8) a. Lamento vocês perderem o voo.
b. *Lamento perderem vocês o voo.

O mesmo comportamento se verifica com as orações subjetivas. A inversão já apontada é facultativa e, sem o auxiliar, a forma lexical do verbo pode ocorrer, mas sem inversão:

(9) a. Surpreende-nos eles terem tomado o poder.
b. Surpreende-nos terem eles tomado o poder.

(10) a. Surpreende-nos eles tomarem o poder.
b. *Surpreende-nos tomarem eles o poder.

Por sua vez, em orações adverbiais o que ocorre é a agramaticalidade da inversão entre sujeito e auxiliar e entre sujeito e forma lexical do verbo:

(11) a. Ela ficará em pé até eles terem terminado o bolo.
b. *Ela ficará em pé até terem eles terminado o bolo.

(12) a. Ela ficará em pé até eles terminarem o bolo.
b. *Ela ficará em pé até terminarem eles o bolo.

O estudo da autora e as informações coletadas do trabalho de Raposo (1987) expandem a análise contextual de ocorrência do infinitivo flexionado. Madeira (1994) aborda não só a forma simples do infinitivo flexionado (*tomarem*, por exemplo), mas também sua forma composta (*terem tomado*), o que lhe permite destacar propriedades referentes à ordem dos termos na oração. Na seção de análise de dados, essas abordagens contribuirão para o entendimento do infinitivo flexionado no português trecentista.

4. SOBRE O *LIVRO DAS AVES*

O *Livro das Aves* é um manuscrito que corresponde a uma tradução do 1º livro do *De bestiis et allis rebus*, cuja autoria atribui-se a Hugo de Folieto. Essa tradução, que não é integral nem literal, revela os caminhos da prosa medieval portuguesa: o surgimento dos bestiários. Ao lado dos livros de plantas e dos lapidários, os bestiários descreviam o mundo físico de forma mística. O *Livro das Aves* possui, assim, um tom marcadamente religioso e preocupa-se em apresentar as virtudes e os defeitos das aves e aplicar as ponderações suscitadas aos homens.

Fisicamente, o códice possui nove folhas soltas de pergaminho, escritas na frente e no verso. As folhas têm medidas de 32 x 22 cm. Uma delas está cortada verticalmente, tornando as colunas XIV e XV inacessíveis. A fragmentação do manuscrito se amplia pela falta do início e do fim do texto e pelo estado adiantado de deterioração das folhas[6].

O códice também passou por diferentes denominações ao longo dos anos. Em 1925, a obra foi intitulada de *História Natural das Aves*, quando revelada pelo paleógrafo Pedro de Azevedo, que a enquadrou no século XIV pela observação das minúsculas do original. Quando estudada por Padre Mário Martins, foi intitulada de *Tratado Sobrenatural das Aves*. A denominação que vigora até hoje, *Livro das Aves*, foi definida posteriormente por Serafim da Silva Neto.

Livro das Aves, obra homônima ao códice, foi a referência que nos deu acesso às informações técnicas apontadas e ao *corpus* deste trabalho. A obra foi organizada e dirigida por A. G. Cunha, mas preparada por Jacira Andrade Mota, Rosa Virgínia Matos e Silva, Vera Lúcia Sampaio e N. Rossi. O volume compõe a coleção *Dicionário da Língua Portuguesa – Textos e Vocabulários*. Além do texto crítico, a cuidadosa confecção dessa obra apresenta os comentários dos autores, um glossário e o fac-símile do original.

[6] Em anexo, nos itens 8.1 e 8.2, há uma amostra do documento, cópias das colunas XXVII, XXVIII, XXXIII e XXXIV.

5. ANÁLISE DO *CORPUS* – O INFINITIVO FLEXIONADO NO *LIVRO DAS AVES*

Esta seção está dividida em quatro partes, de acordo com a necessidade de avaliação dos dados encontrados. Na primeira delas, são abordadas as ocorrências de infinitivo flexionado. Na segunda, discutem-se os casos em que a 3ª pessoa do plural não dispara o infinitivo flexionado. Na terceira, o foco reside em estruturas ambíguas com verbos na 3ª pessoa do singular. Na quarta, há uma apreciação sobre a correspondência mórfica entre o infinitivo flexionado e o futuro do subjuntivo, além da exposição dos casos em que há indeterminação da forma verbal em razão dessa similaridade.

No que diz respeito à indicação dos dados retirados da obra de referência, os números romanos indicam as colunas dos pergaminhos; os arábicos, as linhas correspondentes. Os colchetes, quando não empregados para indicar supressão ou trecho lacunar, representam acréscimos dos autores que prepararam a obra de referência citada anteriormente.

5.1. As ocorrências de infinitivo flexionado

A análise do *corpus* provou haver 11 ocorrências de infinitivo flexionado. Para efeitos de sistematização dos dados, este trabalho opta por duas separações distintas. A primeira delas é feita com base no tipo de oração, atentando para os contextos de ocorrência do infinitivo flexionado discutidos no item 3.4. A segunda é estabelecida de acordo com a forma verbal (se simples ou em perífrase) e será abordada ao longo da análise estabelecida na primeira divisão.

5.1.1. Quanto ao contexto oracional

Das 11 ocorrências de infinitivo flexionado, 10 ocorrem em orações adverbiais finais e 1 em oração subjetiva.

5.1.1.1. Adverbiais finais

> (1), (2) e (3) L.A. VII, 14-19: “E por esso se aparta nos logares desertos e soos per que entẽdemos a claustra en que se enserrã os religiosos (1) **pera fugirẽ** aos prazeres do mũdo e (2) **poderẽ melhor chorar** os seus pecados (3) **[e te]erẽ** sas almas mais assessegadas e mais firmes [no amor] de deus”.

Neste trecho, extraído do "Tractado da Tôrtor", as três primeiras ocorrências do infinitivo flexionado em adverbiais finais revelam a coordenação de orações subordinadas, algo comum na obra. Neste encadeamento, nenhuma das três adverbiais apresenta o sujeito foneticamente expresso: os três sujeitos nulos são correferentes ao sintagma "os religiosos", sujeito da forma verbal "se enserrã".

Entre as ocorrências, (1) e (3) são formas simples. A ocorrência (2) evidencia o infinitivo flexionado em locução verbal, em verbo auxiliar, especificamente. Quanto a esse aspecto, é importante observar a intercalação do advérbio "melhor" na perífrase. O trecho ainda permite diferenciar orações adverbiais finais desenvolvidas de reduzidas. As formas de infinitivo flexionado ocorrem em orações reduzidas, já a oração "per que entẽdemos a claustra en que se enserrã os religiosos" é exemplo de oração desenvolvida, com verbo conjugado no presente do subjuntivo. Há, portanto, quatro adverbiais finais no intervalo destacado.

> (4) L.A., XIII, 6-10: "Disserõ aynda que aquela grua que he cabdel das outras quãdo algũ perigoo vee b[ra]ada **pera sse guardarem as outras** daquel perig[o]o e quando enrouquece entra outra en seu logar".

Neste trecho, extraído do "Tractado da Ema", o infinitivo flexionado ocorre em forma verbal simples e reflexiva. Cabe aqui observar dois pontos. O mais importante diz respeito à inversão entre verbo ("se guardarem") e sujeito ("as outras"). O sujeito está, portanto, posposto. Há ainda que se notar a colocação do pronome reflexivo, proclítico ao verbo "guardarem" da estrutura.

> (5) L.A., XXVI, 24-26: "[...] quando os pecadores se vẽdẽ e se sojugam ao diaboo **pera seerem** atormentados no fogo do inferno perduravil [...]".

Neste trecho, extraído do "Tractado da Cegonha", constata-se novamente um sujeito nulo para a forma verbal de infinitivo flexionado. Esse sujeito, no fragmento, é correferente a "os pecadores", sujeito dos verbos "se vẽdẽ" e "se sojugam".

> (6) L.A., XXIX, 12-20: "Porende pelos paãos[7] que tragiã de Tarsis a Jherusalẽ entẽdemos os preegadores do avangelho de Jhesu Christo que preegã aos homẽs como

[7] Na obra, "paãos" corresponde à forma antiga de "pavões".

sse partã dos gouvhos e dos prazeres do mũdo **pera poderẽ viir** aa gloria do parayso en que averã paz e lediça e prazer pera todo sempre e sobre todo tempo sẽ fin e sen termho".

Neste trecho, que pertence ao "Tractado do Paaon", o infinitivo flexionado ocorre no verbo auxiliar de uma perífrase. Como visto também de (1) a (3) e em (5), neste fragmento o sujeito de infinitivo é nulo. Sua correferência se estabelece com o sintagma "os pregadores do evangelho de Jhesu Chisto", cujo núcleo é "os pregadores".

(7) L.A., XI, 15-20: "A ema he hũa ave que porque ha pena pouca e corpo grande nõ se pode per voar alçar muyto de terra, assi como o açor ou o girofalco que an os corpos pequenos e as penas muytas. E [por]tãto o aar [aju]da[os] **pera [voaren** muyto [...] ca ha o corpo [...]".

Neste trecho, pertencente ao "Tractado da Ema", a forma verbal do infinitivo flexionado, assim como as ocorrências analisadas até o momento, possui morfologia da terceira pessoa do plural. Além disso, seu sujeito é nulo e correferente ao clítico "os", complemento do verbo "ajudar".

Quanto às três outras ocorrências de infinitivo flexionado encontradas no *Livro das Aves*, deve-se apontar que estão presentes em períodos bastante fragmentados. O que permite a interpretação de seus contextos de ocorrência como orações adverbiais finais é a estrutura "para + infinitivo", prototípica desse tipo de subordinação[8].

(8) e (9) L.A., X e XI, 36, 1-2: "[...] [aa aa]s (8) **pera see espertarẽ** pera fazer bõas obras (9) **nẽ pera fazeren'as fazer** aos outros [...]".

Neste trecho, retirado do "Tractado da Tôrtor", os sujeitos nulos das duas passagens não podem ter sua correferência determinada. Em (8), vale notar a posição proclítica do pronome "see", contíguo à preposição. Em (9), o advérbio de negação "nẽ" indica que a última oração adverbial está coordenada à outra. Essa oração não pode ser a imediatamente anterior ("pera fazer boas obras"), porque não há a correlação *não... nem...* esperada em

[8] No "Livro das Aves", excetuando-se os dados (8), (9) e (10), há 41 casos em que a preposição *pera* está expressa foneticamente e acompanhada de infinitivo (flexionado ou não). A noção de finalidade está expressa em todos eles. Por isso a interpretação dos períodos fragmentados em análise ser feita como apresentado.

construções desse tipo. Essa coordenação provavelmente se estabelece com a primeira sentença (“pera see espertarẽ”), presumindo haver um advérbio de negação (*não*, *nunca*) onde o trecho é lacunar.

Ainda em (9), é permitido observar que o infinitivo flexionado ocorre em verbo auxiliar de uma perífrase. Essa locução causativa utiliza o verbo *fazer* duas vezes: “fazeren’as fazer”. Neste caso, há ênclise do clítico em relação ao auxiliar, o que nos parece uma estratégia eficiente para evitar a sequência *fazerem fazer* (*nẽ pera as fazeren fazer*).

(10) L.A., XIII, 24: “[...] [e pera] **dormirẽ** mais [se] [...]”.

Neste trecho, pertencente ao “Tractado da Ema”, são poucas as constatações a realizar. Apesar de o sujeito nulo de infinitivo não ter sua correferência determinada, assim como em (8) e (9), a morfologia do verbo indica tratar-se da terceira pessoa do plural. Além disso, a conjunção “e” indica haver coordenação no período, embora o estado fragmentário do trecho não permita definir à qual outra oração “pera dormirẽ” liga-se.

5.1.1.2. Oração subjetiva

O *corpus* revelou apenas uma ocorrência de infinitivo flexionado em oração subjetiva. Como se pode constatar em (11), a estrutura da sentença, construída com o verbo *ser* (“he”), denuncia esse contexto. Embora o período esteja incompleto, permite-nos entender o sujeito nulo de “soffrerẽ” como correferente a “ho[mens] sanctos”.

(11) L.A., XXI e XXII, 34-35, 1: “Que [pres]taria aos ho[mens] sanctos [...] ẽ e[ste mundo] (he) **soffrerẽ** se nõ ouvessẽ esperança de resurgir?”.

Para finalizar esta seção, a análise de dados é sistematizada na tabela abaixo:

CONTEXTO DE OCORRÊNCIA	Ocorrências	Número
A – Quanto à forma verbal	**Em locução verbal**	**3 [(2), (6), (9)]**
	Forma simples	**8 [(1), (3), (4), (5), (7), (8), (10), (11)]**

B – Quanto ao tipo de oração	**Oração subordinada adverbial final**	**10 [(1) a (10)]**
	Oração subordinada substantiva subjetiva	**1 [(11)]**

5.2. Quando a terceira pessoa do plural não dispara o infinitivo flexionado em adverbais finais

O estudo das ocorrências do infinitivo flexionado, apresentado na seção 3, demonstra que o emprego ou não da flexão é alternante em muitos contextos. No *corpus* desta pesquisa, foram encontradas 5 passagens em que a terceira pessoa do plural não dispara o infinitivo flexionado em adverbiais finais. Nesses casos, os dados revelam a opção pelo infinitivo não flexionado.

(1) e (2) L.A., X, 24-26: "[...] eles se espertã e s'avivã (1) **pera correger** os seus erros e (2) **pera fazer** aquelas bõas obras [...]".

Neste trecho, retirado do "Tractado da Tôrtor", os sujeitos nulos das formas infinitivas são correferentes ao pronome "eles", que no contexto do tratado refere-se àqueles para quem o pregador transmite suas palavras. O trecho ainda ilustra mais um caso de coordenação entre adverbiais finais. As contrapartes flexionadas seriam construídas com as formas *corregerem* e *fazerem*.

(3) L.A., XIII, 1-3: "Disserõ aynda que tãt[o] voã alti **pera poder melhor veer** as terras a que querẽ yr".

Neste trecho, pertencente ao "Tractado da Ema", o sujeito nulo do verbo auxiliar da perífrase é correferente ao sujeito, também nulo e de terceira pessoal plural, do verbo *voar* ("voã"). Os parágrafos que antecedem esse período, pela fragmentação, não permitem definir a quais aves esses sujeitos aludem. Além disso, este trecho apresenta a mesma estrutura do exemplo (2) da seção 5.1.1.1, com advérbio intercalado: *poder* + *melhor* + *verbo no infinitivo*. Os casos diferem, todavia, quanto à flexão do infinitivo (*poder* x *poderem*).

(4) L.A., XVI, linhas 2-7: “[...] ca aqueles que son moles e fracos cõtra as tẽtações, assi como de suso dissemos, trabalhan-se d’ẽganar os simplizes e os bavecas pera **[tr]aze-los** daqueles maos custumes que eles [a]m”.

Extraído do “Tractado da Ema”, este trecho traz um infinitivo cujo sujeito nulo se correfere ao pronome plural “aqueles”. A flexão não é disparada. Se o fosse, teríamos a forma *trazerem-nos*, mantendo a posição enclítica do pronome átono.

(5) L.A., XXII, 18-22: “Aqui fala o propheta David dos hereges que dizẽ que sõ menbros da Eigreja. E sson menbros podres e trabalhã **pera tirar** os bõõs fiees pera ssi dizendo que eles tẽẽ o camĩho de Jhesu Christo e nõ os outros”.

Extraído do “Tractado da Cegonha”, a forma infinitiva deste trecho apresenta-se como as demais: possui sujeito nulo correferente a uma forma plural (“hereges”), mas não está flexionada. Com concordância, o verbo assumiria a seguinte configuração: *tirarem*.

Pelo exposto, uma primeira abordagem poderia revelar algum fenômeno sintático limitador da concordância. Chamou-nos a atenção, por exemplo, o fato de em (1), (3) e (5) haver formas verbais pluralizadas próximas à preposição *pera*, introdutora de orações adverbiais finais. Esses verbos apresentam os mesmos sujeitos dos verbos no infinitivo. No entanto, essa constatação não pode alimentar nenhuma hipótese, porque em (2) e (4) a situação é diversa: as formas verbais pluralizadas não estão próximas às adverbiais finais e, mesmo assim, o infinitivo não tem sua flexão disparada.

Soma-se a isso o fato de o infinitivo poder se flexionar quando há formas verbais plurais próximas à oração subordinada: casos (1) e (5) da seção 5.1.1.1.

5.3. Os casos ambíguos da terceira pessoa do singular em adverbiais finais

Na seção 3, após a listagem das marcas morfológicas do infinitivo flexionado, discutiu-se o fato de a 1ª e a 3ª pessoas do singular serem caracterizadas por um morfema Ø. Essa característica não permite definir, em certos contextos, a forma flexionada da forma não flexionada. Nos dados abaixo – uma pequena amostra de um conjunto maior de ocorrências semelhantes – essa ambiguidade se perfaz:

(1) L.A., II, 4-6: “Ca o que bõõ he sempre sse paga da bõa cõpanha **pera aprender** sempre deles bõõs custumes e bõas façanhas”.

(2) L.A., IX, 7-9: “Ffaz a Escritura demanda [nõ] **pera dar a entẽder** que o galo aja entẽdimento [...]”.

(3) L.A., X, 10-12: “[...] assi o bõõ preegador ante que preegue primeiramẽte s’afaz **pera viver** bẽ e sanctamẽte per bõõs custumes [...]”.

(4) L.A., XXIV, 28-30: “Entom acha o passaro logar **pera ficar** na casa de Deus [...]”.

(5) L.A., XXV, 1-4: “[...] ca o dyaboo vosso enmiigo cerca-vos como o leon cerca a mata **pera catar** que comha, se poderá comer as vossas almas”.

Se os infinitivos acima apresentassem um sujeito lexical de caso nominativo, a ambiguidade seria desfeita, pois esta é uma característica do infinitivo flexionado[9].

5.4. A correspondência mórfica entre o infinitivo flexionado e o futuro do subjuntivo

Uma das peculiaridades do infinitivo flexionado é a imutabilidade de sua morfologia. Isto é, as marcas *Ø, -es, Ø, -mos, -des, -em* não se alteram quando aplicadas a diferentes classes verbais (RAPOSO, 1987, p. 86). No entanto, esses morfemas, na configuração estrutural do português, também podem ser empregados na representação de outro tempo verbal: o futuro do subjuntivo.

Essa semelhança morfológica ocorre quando os verbos são regulares. Quando irregulares, outros morfemas podem ser empregados na expressão do subjuntivo. No estudo dos dados, atentou-se para essa similaridade de formas verbais. Abaixo seguem alguns trechos do *Livro das Aves* em que o verbo, conjugado no subjuntivo, assume forma análoga à de infinitivo flexionado:

[9] Definição estabelecida na seção 3: “o infinitivo flexionado difere do infinitivo não flexionado por apresentar traço positivo para a concordância e por poder assumir um sujeito lexical de caso nominativo”.

(1) L.A., V, 9-12: “Hũa peyoo he o temor do Juyzo que avera quando **aparecerẽ** todolos seus fectos publicos e ascondudos”.

(2) L.A., X, 13-14: “Assi quãdo ele **repreender** os outros en sa preegaçõ d’obras ou de custumes [...]”.

(3) L.A., XVI, 22: “[...] rua se a **lançarẽ** f[or]a ou se a [...]”.

(4) L.A., XXVIII, 5-10: “Aquelo que diz que o outro passaro leyxã ir livremẽte demonstra que depois que nós **vẽcermos** as cobiiças maas carnaes entõ a alma nossa voará aos ceos cõ penas de bõa cõtemplaçom”.

As formas que seguem, por sua vez, conjugadas no subjuntivo, assumem morfologia diversa daquela esboçada pelo infinitivo flexionado, no que se refere à estrutura morfológica da base/raiz verbal:

(5) L.A., IV, 10-12: “[...] quantos periigoos e quantas mortes lhis podẽ ende nacer se os **quiserẽ seguir**”.

(6) L.A., X, 23-24: “Assi que quando eles **virẽ** que o preegador mete en obra o que preega [...]”.

Como esses últimos verbos são irregulares, a morfologia do futuro do subjuntivo pode variar, não seguindo o emprego das marcas *Ø, -es, Ø, -mos, -des, -em*. Desse modo, em (5) e (6), a título de comparação, as formas de infinitivo flexionado apresentar-se-iam como *quererem* e *verem*.

Analisemos agora outro dado:

(7) L.A., XVI, 31-32: “[...] [r]azom e entẽdimento [**nõ se guardaren**] [...] feytos viis”.

Neste trecho, a forma “guardarem” pode pertencer tanto ao futuro do subjuntivo como ao infinitivo flexionado, já que *guardar* é verbo regular. Essa indeterminação ocorre porque a oração encontra-se fragmentada. Não é possível saber, então, se o verbo é antecedido pela

preposição *pera* (introdutora de oração adverbial final) ou pelas conjunções *se*[10] e *quando*, por exemplo (introdutoras do futuro do subjuntivo).

[10] No fragmento, "se", em "se guardaren" não corresponde a uma conjunção.

6. CONCLUSÃO

A pesquisa deste trabalho teve como escopo avaliar o emprego do infinitivo flexionado em um documento arcaico do século XIV, o *Livro das Aves*. Pela reunião de ponderações pertinentes sobre o *corpus*, a seção anterior nos permite esboçar as seguintes conclusões sobre o tema em discussão:

(a) Por manifestar o infinitivo flexionado, o manuscrito revela que essa forma verbal não era um reduto do português erudito do século XIV. A linguagem do documento não é formal. A própria tradução do original latino revela no prólogo a preocupação do autor em "prazer aos simplezes e aos rudes ca de dar e d'acrecentar sabença aaqueles que letrados e doctores son" (L.A., I, 3-5). Além disso, por se tratar de um bestiário, gênero conhecido como a bíblia dos pobres, espera-se o uso de uma linguagem mais acessível, principalmente em tempos de escasso acesso à educação;

(b) Os dados revelam poucos contextos de ocorrência do infinitivo flexionado. Das oito possibilidades listadas por Madeira (1994), e apresentadas na seção 3, apenas duas se observam no códice. Há 1 (uma) ocorrência em oração subjetiva e 10 em orações adverbiais introduzidas por uma preposição (neste caso, adverbiais finais introduzidas pela preposição *pera*). Das 11 ocorrências, 8 são formas simples e 3 (três) ocorrem em perífrases, sendo 1 (uma) delas causativa e as demais construções realizadas com o verbo *poder*;

(c) Havia variação no emprego do infinitivo, embora não tenha sido possível esboçar uma hipótese que determinasse o uso ora flexionado, ora não flexionado. O que deve ser salientado, no entanto, é que a possibilidade de uso de ambas as formas é permitida pela correferência estabelecida entre o sujeito nulo da oração adverbial e o elemento plural da oração principal. Quando se emprega o infinitivo não flexionado, a correferência permite o resgate de número e pessoa. A expressão desses elementos, porém, não é impedida categoricamente, já que podem ser reiterados pelo infinitivo flexionado. Em suma, portanto, a correferência permite o uso da forma não flexionada sem limitar a forma flexionada. Essa relação foi demonstrada pelo estudo das

construções em que o sujeito plural da oração principal não disparava a flexão no infinitivo da oração subordinada (seção 5.2);

(d) A ocorrência majoritária da 3ª pessoa do plural nas formas flexionadas do infinitivo pode ser explicada pelo gênero do códice. O emprego das outras pessoas é raro porque o livro se preocupa em ponderar atitudes e condutas a serem desempenhadas por indivíduos, além de recorrer às aves como elemento alegórico, o que explica a alta incidência da 3ª pessoa do discurso. Assim, além dos sintagmas referentes às aves, são abundantes outras expressões que revelam o enquadramento de 3ª pessoa: *aqueles que bõõs são, os religiosos*, *os pecadores*, *os preegadores*, os pronomes demonstrativos *o* e *a*, etc.;

(e) A alta ocorrência de sujeitos nulos revela a propriedade *pro-drop* da língua. Das 11 ocorrências de infinitivo flexionado, apenas uma apresenta sujeito foneticamente expresso. Trata-se do seguinte dado: "Disserõ aynda que aquela grua que he cabdel das outras quãdo algũ perigoo vee b[ra]ada **pera sse guardarem as outras** daquel perig[o]o e quando enrouquece entra outra en seu logar" (L.A., XIII, 6-10). Neste caso, o sujeito apresenta-se posposto à forma lexical do verbo, uso considerado agramatical para o português contemporâneo, de acordo com os dados de Madeira (1994) discutidos na seção 3.4[11].

As conclusões acima, especialmente a (b), também permitem traçar linhas comparativas entre o *Livro das Aves* e *Os Diálogos de São Gregório*, documento da segunda metade do século XIV e início do século XV. Ao estudar as construções infinitivas nos *Diálogos*, Azevedo (2006) demonstrou que dos "37 dados de infinitivo flexionado, 28 exemplificam orações adverbiais finais" (AZEVEDO, 2006, pp. 73-74)[12]. O autor não expõe os outros contextos de ocorrência do infinitivo flexionado, mas a informação é pertinente porque se coaduna com a pesquisa delineada neste trabalho em dois sentidos: primeiro por atestar a ocorrência significativa do infinitivo flexionado em adverbiais finais e, segundo, por

[11] "With adjunct clauses we find the reverse situation from that found in complements to declarative and epistemic verbs, i.e. subject-auxiliary inversion is disallowed" (MADEIRA, 1994, p.183).
[12] Em anexo, no item 8.3, são apresentados os dados da pesquisa de Azevedo (2006) relativos ao infinitivo flexionado em adverbiais finais.

garantir que a única ocorrência dessa forma em oração subjetiva não constitui um dado marginal.

A reiteração de aspectos sintáticos do português arcaico, obtida graças a procedimentos contrastivos, permite-nos afirmar, portanto, que o infinitivo flexionado detinha um *locus* de ocorrência no português antigo, espaço sintático este ampliado significativamente se levarmos em conta as manifestações do fenômeno no português atual.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, André Marcílio Carvalho de. **Estudo das Construções Infinitivas em *Os Diálogos de São Gregório***. 2006. 163 p.

BAGNO, Marcos. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011. pp. 727-729.

BARBOSA, Jerónimo Soares. **Grammatica Philosofica da Lingua Portugueza ou Principios de Grammatica Geral**. 2. ed. Lisboa: Acad. Real, 1822. 458 p.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37ª ed. rev., ampl. e atual. conforme o Novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 671 p.

COOK, V. J.; NEWSON, Mark. **Chomsky's Universal Grammar: an Introduction**. 2nd ed. Oxford: Blackwell Publishers, 1996. vii, 369 p.

CUNHA, A. G. (coord.). **Livro das Aves**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1965. 119 p. (Dicionário da Língua Portuguesa. Textos e Vocabulários).

CUNHA, Celso Ferreira; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007. pp. 407-408; 498-504.

DIAS, Sammy Cardozo. **O Efeito da Negação em Sentenças com Predicados Factivos: Dados da aquisição**. *Linguagem: teoria, análise e aplicações 6*, 2011. pp. 216-227.

FREITAS, Luísa Leite S. de. **O Infinitivo Flexionado no Galego e no Português: Panorama da Diacronia à Sincronia**. 2012. 41 p.

KISS, Katalin É. **The Syntax of Hungarian**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. pp. 210-214.

LOBO, Maria. **Aspectos da Sintaxe das Orações Gerundivas do Português Dialectal**. 2010. 12 p.

MADEIRA, Ana Maria. **On the Portuguese Inflected Infinitive**. *UCL Working Papers in Linguistics 6*, 1994, pp. 179-203.

MARTINS, Alcir Falcão. **The Inflected Infinitive in Brazilian Portuguese**. 2011. 109 p.

MATEUS, Maria Helena Mira *et al*. **Gramática da Língua Portuguesa**. 5. ed. rev. e aum. Coimbra: Almedina, 2003. pp. 442-445; 621-626.

MIOTO, Carlos *et al*. **Manual de Sintaxe**. Florianópolis: Insular, 2000. pp. 166-176.

PERINI, Mario A. **Gramática do Infinitivo Português**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977. 184 p.

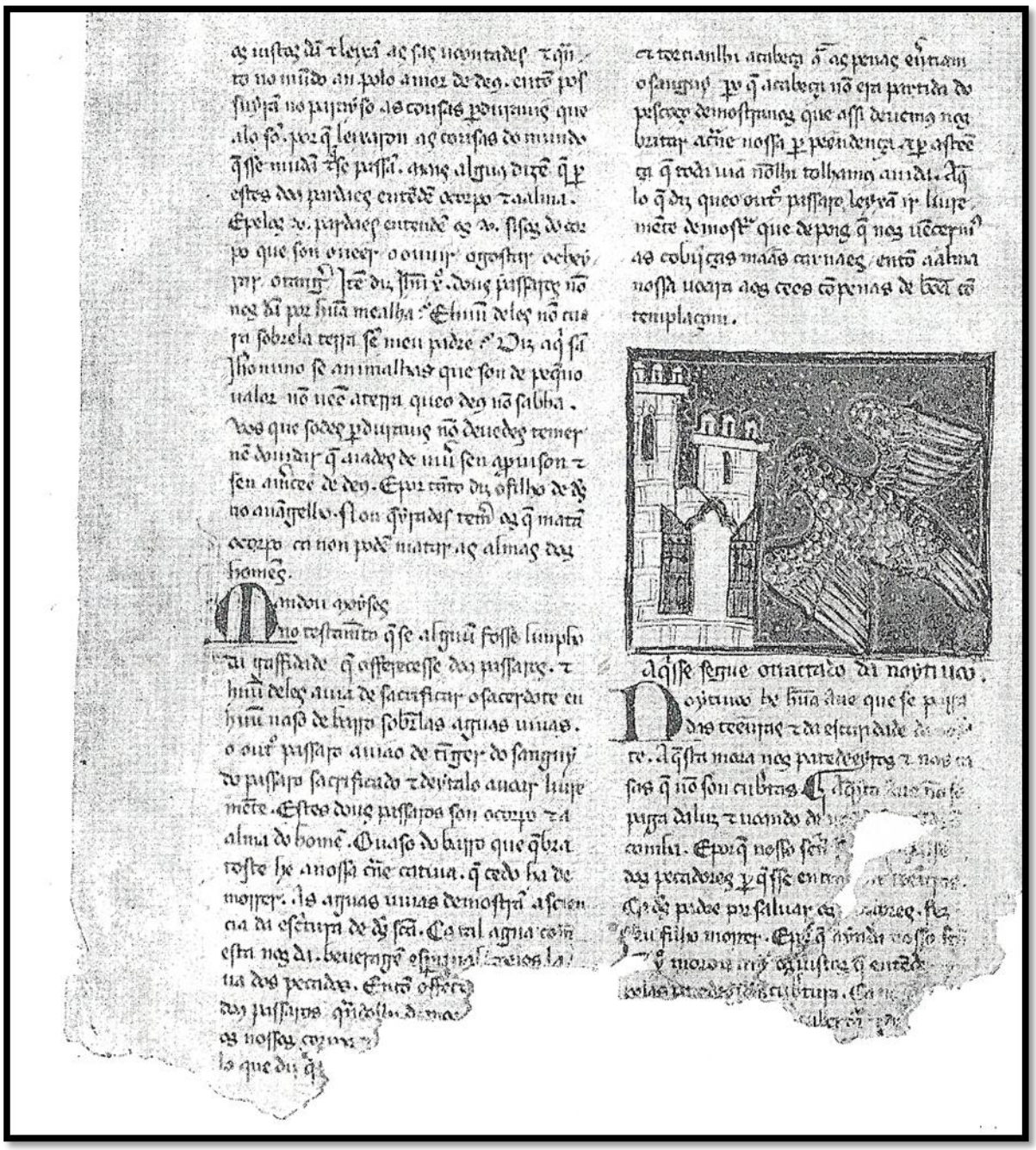
RAPOSO, Eduardo Paiva. **Case Theory and Infl-to-Comp: The Inflected Infinitive in European Portuguese**. *Linguistic Inquiry 18*, 1987, pp. 85-109.

RAPOSO, Eduardo Paiva. **Teoria da Gramática: A faculdade da linguagem**. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1992. pp. 82-87.

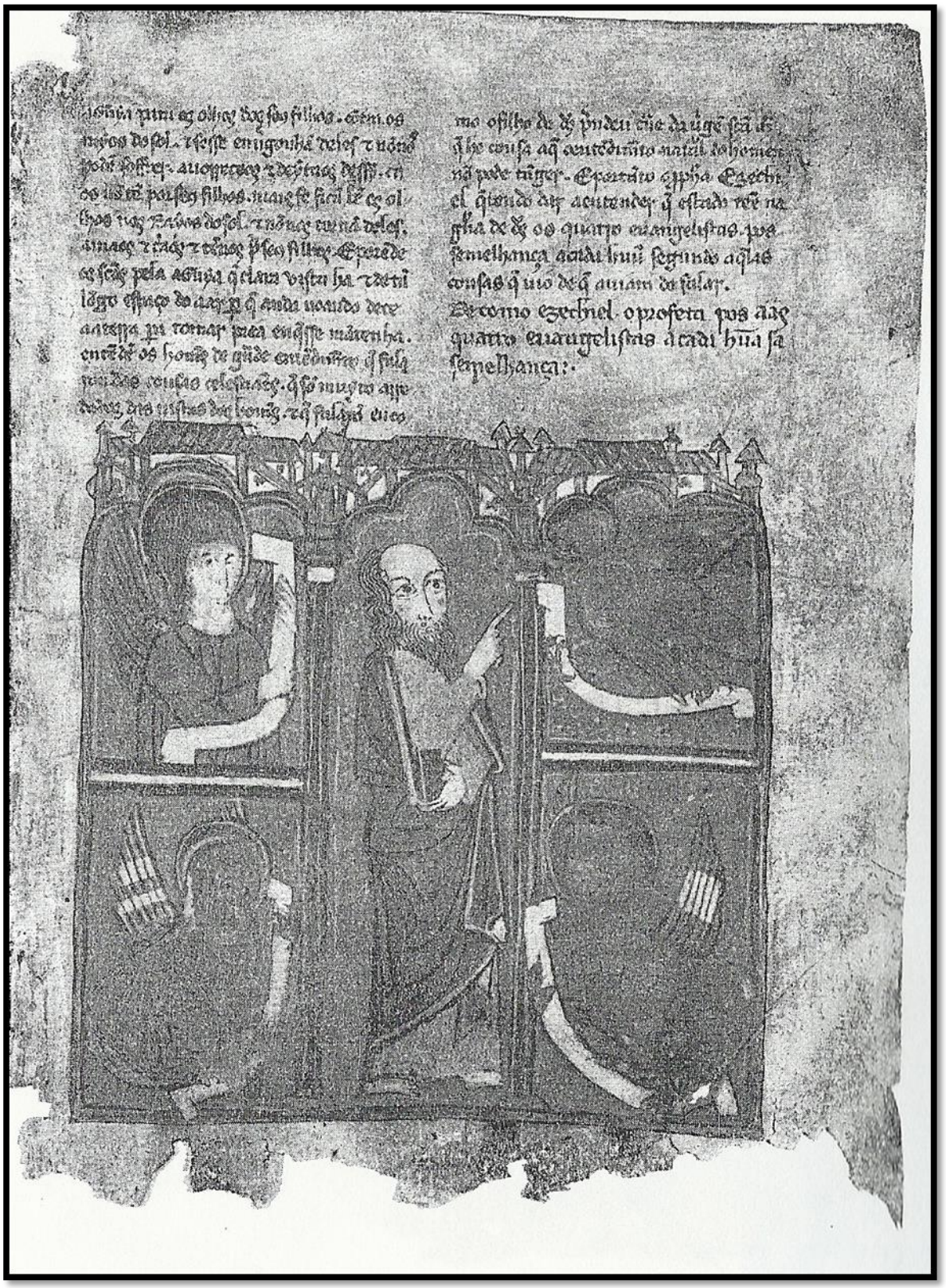
TEIXEIRA, Diego Pinheiro. **O Infinitivo Flexionado Português: Descrição do seu uso e proposta didática**. 2009. 77 p.

8. ANEXOS

8.1. Fac-símile das colunas XXVII e XXVIII do *Livro das Aves*:



8.2. Fac-símile das colunas XXXIII e XXXIV do *Livro das Aves*:



8.3. Ocorrências de infinitivo flexionado em *Os Diálogos de São Gregório* elencadas no trabalho *Estudo das construções infinitivas em* Os Diálogos de São Gregório (AZEVEDO, 2006, p. 74)

(a) dsg.2.21.3 (...) aa hora de comer non pro$_1$ poderon aver senon cinque pães pera [pro$_1$ daren aos frades a comer.]

(b) dsg.2.8.4 (...) muitos$_1$ (...) metian-se na orden pera [pro$_1$ aprenderen del en como podessen servir seu senhor Jesu Cristo.]

(d) dsg.1.5.64 − Non dizes tu$_1$ esto senon pera [non pro$_1$ fazeres o que te homen roga.]

(e) dsg.3.8.30 E deitou logo de sa casa (...) todalas outras molheres que con el pro$_1$ eran na casa pera [pro$_1$ lhi fazeren o serviço que en sa casa fazia mester.]

(f) dsg.3.8.26 Ca o dia d'oonte aa vespera a atal estado pro$_1$ veesti con ela que pera [pro$_1$ lhi mostrares o amor maao que lhi avias] desti-lhi hũa ferida com ta mão antr'as espadoas.